

Curso: Administração

Equipe:

Professor Coordenador/Orientador: Elenilze Josefa Diniz

Alunos: Lourinaldo Alves Catarino

Rubs mércio Correia F. da Silva

Luan Muniz Marinho dos Santos

**“ADMIRÁVEL GADO NOVO” DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS: ANÁLISE DAS TENSÕES NA CONSTRUÇÃO DAS
PRÁTICAS ASSOCIATIVAS E SOLIDÁRIAS DOS CATADORES DE LIXO**

Relatório de Pesquisa

Campina Grande

2014

LENILZE JOSEFA DINIZ

**“ADMIRÁVEL GADO NOVO” DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS: ANÁLISE DAS TENSÕES NA CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS
ASSOCIATIVAS E SOLIDÁRIAS DOS CATADORES DE LIXO**

Relatório de pesquisa apresentado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPEX) do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (CESED), de acordo com o que preconiza o regulamento.

**Campina Grande
2014**

RESUMO

O relatório apresenta os resultados de uma pesquisa realizada entre 2014-15, financiada pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (CESED), cuja temática está relacionada aos desafios postos aos empreendimentos solidários, especificamente às organizações associativas de catadores, as quais experimentaram uma nova situação, as quais foram e estão sendo mobilizados de trabalhar sob a perspectiva associativa e solidária em consonância com os princípios da Gestão Social. Desse modo, o objetivo da presente pesquisa é identificar as formas de participação democrática e autogestionária dos catadores associados e ao mesmo tempo analisar as tensões (dificuldades e incertezas) na construção de práticas solidárias no empreendimento econômico. E tem os seguintes objetivos específicos: a) verificar como os catadores associados compreendem, agem, reagem e compartilham valores e princípios de um trabalho associativo e solidário, os quais devem ser expressos nas práticas diárias individuais e coletivas. b) analisar as apropriações, por parte dos catadores associados, no sentido do “pertencimento” e de uma identidade associada à sua organização. A técnica de coleta de dados da pesquisa de campo utilizada foi um roteiro de entrevistas (semi-estruturadas). Este tipo de entrevista permite que o pesquisador estabeleça uma direção geral para a conversação com o entrevistado, e ao mesmo tempo permite uma maior flexibilidade ao lançar temas ou questões. O método de análise qualitativa escolhido para analisar as mensagens constituídas nas narrativas dos entrevistados foi o de conteúdo. A utilização da análise de conteúdo ocorreu percorrendo as seguintes fases: Ainda que diferentes autores proponham diversificadas descrições do processo da análise de conteúdo, no presente texto a concebemos como constituída de cinco etapas: reparação das informações; transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; e interpretação. Contatou-se que alguns associados se posicionavam sobre aquela experiência, e expressavam não vivenciar a prática de um trabalho solidário dentro do grupo; todavia percebiam que alguns colegas dentro do grupo eram solidários, enquanto outros eram egoístas. Outro dado importante diz respeito ao entendimento dos direitos e deveres no funcionamento de uma associação/cooperativa. Contudo, o sentido real do associativismo parecia ser desconhecido pelos associados, inclusive seus princípios e

funcionamento. Quando questionados se a associação/cooperativa responderam que sua organização possuía estatuto; mas assumiram não ter conhecimento dos princípios que regem o estatuto da associação/cooperativa. Quando indagados se lembrariam de um dever ou de um direito do associado, disseram que não tinham conhecimento.

Palavras-chave: Associativismo. Solidariedade. Cooperativas de Catadores de Lixo.

1 INTRODUÇÃO

a) Descrição genérica do tema

O tema dessa pesquisa traz em seu bojo três grandes enquadramentos: o lixo- o catador – e as organizações associativas de catadores de lixo. Temas recorrentes de análises, sobretudo no âmbito das Ciências Sociais. De um lado, a quantidade de lixo produzido pela sociedade, o seu destino e os impactos ambientais daí decorrentes; do outro, a prática da reciclagem do lixo apresenta-se como solução para o problema do lixo (da crise ambiental) por constituir-se em esforços para redução dos resíduos e, “viabilizar o desenvolvimento econômico sustentável”.

Nas últimas décadas, a proposta de desenvolvimento sustentável sobressai como alternativa eficiente que pode assegurar um crescimento mais racional, portanto como uma “solução” para a crise ambiental. De fato, já se sabe que o lixo (os resíduos sólidos) enviado a seu destino final (lixões, aterros e outros métodos de acondicionamentos) não encerra um ciclo, a reciclagem ou reutilização aparece dentro da concepção de desenvolvimento sustentável como uma das possibilidades de solução para a gestão ecológica dos resíduos gerados pela sociedade.

Assim, a reciclagem é apresentada como fundamental neste processo. Além disso, o lixo é uma atividade lucrativa: aos sucateiros, as indústrias de reciclagem, e como alternativas para a geração de trabalho e de renda para os catadores. Ou seja, o catador de lixo (associado em cooperativa ou não), passa a ser considerado um “agente ambiental” e, por suas mãos, conforme Grossi (1991), o lixo volta a ter valor de uso e de troca, através do trabalho incorporado à matéria bruta (lixo).

No que se refere a temática das organizações associativas, é possível perceber diversas formas de alternativas de produção – frente a crise de trabalho - não capitalista na atualidade. O cooperativismo ressurge não somente como alternativa de inclusão econômica e social, mas também como desafio de uma nova ética societária (relações sociais), com possibilidade de construir uma subjetividade, resistente, recriadora de valores e autorregulada. Assim, o cooperativismo ressurge como projeto societário fundamentado na preservação de conjunto de princípios e valores humanos específicos: ajuda mútua, solidariedade, democracia, participação e autonomia.

Este conjunto de princípios (crenças e valores) do cooperativismo ou de uma cultura de cooperação torna-se crucial por se diferenciar do processo identificatório, ou dos valores subjacentes de empresas heterogeridas, que valorizam mais os lucros do que o empreendedorismo solidário.

Entretanto, não se pode falar de um processo harmônico e homogêneo de construção identitária (de valores e de crenças) por parte daqueles indivíduos que trabalham sob a forma associativa nos empreendimentos solidários. “Existem uma pluralidade e diversidade de identificações com o projeto cooperativista, tendo esses sujeitos que enfrentar e tratar muitos conflitos e problemas [...]”. (TRAJANO; CARVALHO, 2003, p.175).

b) Delimitação do Problema

No Brasil, nos últimos dez anos acentuaram-se as estratégias para implementação de ações e programas por parte dos poderes públicos para a gestão de resíduos compartilhada com os catadores de lixo, de modo que as cooperativas de catadores de lixo reciclável têm se mostrado numa alternativa para o problema ambiental, econômica e social no que se refere à questão da geração de renda também a promoção da inclusão social. As primeiras experiências associativas de catadores no Brasil tiveram início em São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. Em São Paulo, por meio do trabalho de apoio à população de rua, desenvolvido pela Organização de Auxílio Fraternal (OAF), foi criada a Associação dos Catadores de Papel, em 1986. Mais tarde, em 1989, esta se tornou a Cooperativa dos Catadores de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare). Em Belo Horizonte, depois do trabalho de apoio aos catadores realizado pela Pastoral de Rua, em 1990, foi constituída a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (Asmare).

Daí, que os desafios postos aos empreendimentos solidários, especificamente as organizações associativas de catadores, são vários. Alguns autores, a exemplo de Diniz (2008), demonstraram as dificuldades de disseminação de uma lógica cooperativa, de economia solidária em algumas associações de catadores de lixo, questão que de teria suas raízes no chamado “déficit de socialização”, condição necessária para sustentar e fortalecer um processo democrático, participativo e autogestionário nestas organizações. Fazendo uma analogia – com permissão – a um trecho da música de Zé Ramalho “Admirável Gado Novo”

*“Vocês que fazem parte dessa massa
 Que passa nos projetos do futuro
 É duro tanto ter que caminhar
 E dar muito mais do que receber...
 E ter que demonstrar sua coragem
 À margem do que possa parecer
 E ver que toda essa engrenagem
 Já sente a ferrugem lhe comer”*

A música foi lançada em 1979 e o seu título é uma referência ao livro *“Admirável Mundo Novo”* do escritor Audous Huxley, trazendo muitas figuras de linguagem, misturando religião com política, sociedade e governo entre outros aspectos. Os “projetos do futuro” se constituem numa promessa de que “dias melhores virão”, implicando em mudanças para um Brasil futuro, pois o sistema através de projetos e programas políticos busca inverter ou diminuir as desigualdades, entretanto trata-se de um futuro cada vez mais distantes, pois o sistema capitalista continua mantendo de forma funcional a pobreza e as promessas de um futuro melhor, *“pois toda essa engrenagem já sente a ferrugem lhe comer”*.

Os catadores, recentemente, experimentam no Brasil, uma nova possibilidade, ou seja, entram nos projetos e nas promessas do futuro. Por exemplo, no âmbito do Governo Federal, em 2003, por decreto presidencial, foi criado o Comitê Interministerial de Inclusão Social de Catadores de Materiais Recicláveis. Também, foi publicado o Decreto 5.940, de 2006, que prevê que todas as repartições públicas da administração direta ou indireta devam fazer coleta seletiva e doar os materiais para cooperativas de catadores. Outro avanço em âmbito federal foi a aprovação, em 2010, da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305), que prevê a inserção de catadores em programas de coleta seletiva municipais como requisito do Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, a ser elaborado por todos os municípios. (PEREIRA; TEIXEIRA, 2011).

Outro Programa Federal de destaque é o Projeto Cataforte, criado em 2010 pela Fundação Banco do Brasil o qual já realizou ações em 20 estados brasileiros e no Distrito Federal, inclusive na cidade de Campina Grande (Paraíba) a fim de melhorar as condições de trabalho, de organização coletiva e da qualidade de vida das famílias dos catadores de materiais recicláveis. O Projeto é realizado em parceria com o Movimento

Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Ministério do Trabalho e Emprego/Senaes e Petrobras.

c) Definição do Problema

De fato, a problemática do trabalho e da organização dos catadores de lixo tomou as discussões acadêmicas nas diversas áreas de conhecimentos: economia, sociologia, saúde, meio ambiente, engenharia e outras. Por outro lado, a inserção dos catadores na agenda governamental nacional, a partir de 2003, se constitui um avanço importante para o enfrentamento da situação sócio econômica daquelas famílias.

Contudo, os desafios permanecem em várias questões: na gestão compartilhada dos resíduos sólidos como atribuição dos municípios brasileiros e na responsabilidade empresarial solidária que as associações/cooperativas enfrentam.

De fato, os grupos de catadores parecem ter recebido “uma grande responsabilidade”, ao experimentarem uma nova situação, de modo que tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação, especialmente na diversidade da trajetória e experiência de cada grupo os quais foram e estão sendo mobilizados, na dificuldade de trabalhar sob a perspectiva associativa e solidária em consonância com os princípios da Gestão Social.

d) Objetivos

Desse modo, o objetivo da presente pesquisa é identificar as formas de participação democrática e autogestionária dos catadores associados, e ao mesmo tempo analisar as tensões (dificuldades e incertezas) na construção de práticas solidárias no empreendimento econômico. E tem os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar como os catadores associados compreendem, agem, reagem e compartilham valores e princípios de um trabalho associativo e solidário, os quais devem ser expressos nas práticas diárias individuais e coletivas.
- b) analisar as apropriações, por parte dos catadores associados, no sentido do “pertencimento” e de uma identidade associada à sua organização.

e) **Justificativa**

Algumas razões justificam a importância dessa pesquisa. O incentivo aos empreendimentos solidários - especialmente as organizações associativas e cooperativas de catadores de lixo - possuem expressa relação com os eixos temáticos de desenvolvimento sustentável e a questão da proteção social, Direitos e Gerações de Oportunidades. O modelo de gestão cooperativo se constitui num instrumento organizacional econômico e social para os empreendimentos solidários que por sua vez contribuem com a consolidação do movimento cooperativo.

No caso dos catadores de lixo, organizados em cooperativas ou associações a tendência – e “é o que proclama discurso”- é tornarem-se mais competitivos, ao ter um espaço para comercializar a produção diante do acirrado e competitivo mercado de reciclagem. Outro aspecto importante do incentivo aos empreendimentos solidários é possibilidade de geração de renda e de melhoria das condições econômicas e sociais, reduzindo a pobreza e exclusão, além de empregar valores como solidariedade, responsabilidade, igualdade, bem como uma prática de gestão democrática e participativa, o que está diretamente ligado à perspectiva do Desenvolvimento Sustentável.

Assim, analisar as tensões (dificuldades e incertezas) na construção do processo participativo solidário, autogestário e democráticos nas organizações de catadores no contexto atual revela-se como importante. De um lado, o desafio posto as cooperativas de catadores como “projetos do futuro” E, como tal, devem ser constituídas por uma estrutura administrativa e técnica (autogestionária), cuja própria sobrevivência econômica - num contexto de crise econômica mundial -, depende da constante eficiência e eficácia para gerenciar/administrar o empreendimento, para que possa garantir renda para os catadores e a inserção no mercado.

O estudo tem relevância por discutir a questão da conotação social da empresa, a mesma não pode ser uma mera referência retórica sob a pena de um esvaziamento do próprio termo cooperativo. Em sua dimensão social, trata-se de um empreendimento não apenas financiado, administrado coletivamente, sobretudo a vivência e compartilhamentos dos valores coletivos (participação, solidariedade, ajuda mútua) em torno de um projeto comum.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Recentemente, o cooperativismo ou as formas associativas de produção solidárias ressurgem com a tarefa prometedora de emancipação social. Sousa Santos e Rodríguez (2002, p.72), consideram que o fracasso das economias centralizadas e ascensão do neoliberalismo, governos, ativistas “[...] têm recorrido de forma crescente à tradição do pensamento e organização econômica cooperativa [...] com o objetivo de renovar a tarefa de pensar e de criar alternativas econômicas” (SOUSA SANTOS; RODRÍGUEZ, 2002, p. 35).

Portanto, os referidos autores ao lançar a proposta de um projeto de *globalização alternativa* ou *globalização contra-hegemônica*, apoiam-se na possibilidade de fomentar um novo tecido social capaz de resistir aos impactos de um modelo por natureza concentrador e excludente. A economia solidária, neste sentido, possibilitaria a criação de espaços locais de resistência socioeconômica no âmbito da cooperação por meio de redes de integração produtiva e de consumo numa perspectiva de geração de emprego e renda.

Algumas formulações associam a economia solidária a um novo modo de produção, não-capitalista, a exemplo de Singer (2000) e de Verano (2001). Já Coraggio (2000, p.6) vê na economia solidária a possibilidade de criar ou reforçar inúmeras instâncias de mediação e representação, tais como associações, cooperativas, redes de intercâmbio e organizações da sociedade civil. Tais possibilidade, logram fazer da cooperação produtiva e da sua articulação alavancas que as sustentam e as qualificam na economia contemporânea, adquirindo chances de constituir uma *economia do trabalho* (destaque nosso) voltada para a reprodução ampliada da vida, imprimindo um sentido e uma possibilidade humana emancipatória.

Assim, a crescente adesão dos trabalhadores às formas de trabalho associativas, configura-se gradativamente a economia solidária como um *novo campo de práticas* (GAIGER, 1996, p.104-110), suscitando o interesse dos estudiosos para o problema da viabilidade desses empreendimentos a longo prazo, bem como para a natureza e o significado contido nos seus traços sociais peculiares, de socialização dos bens de produção e do trabalho, além de carrear rapidamente o apoio de ativistas, agências dotadas de programas sociais e órgãos públicos.

Pires (2004) enfatiza que tais formas de enfrentamentos ou de resistência recaem, de um lado, na criação de uma nova ética societária pautada em novas solidariedades para responder à crise do *welfare state*; de outro, enfatiza questões como competitividade e governança requeridas pela globalização da economia. Na primeira, observa-se um componente utópico que gira em torno da relação entre trabalho e solidariedade. Na segunda, sobressai um modelo de organização de empresas que tem como pano de fundo as transformações econômico-produtivas.

Essas diversas manifestações, cuja emergência, segundo Singer (2000), é possível observar em quase todos os países industrializados, revelam-se ao capitalismo como modo alternativo de produção e distribuição, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram marginalizados do mercado de trabalho. Na América Latina, inclusive no Brasil, multiplicaram-se nos últimos 15 anos, não apenas discussões, sobretudo formas de ações solidárias ou associativas da sociedade civil, podendo-se falar em reaparecimentos ou reinvenção de formas alternativas da produção capitalista: autogestão, cooperativismo, economia informal, economia popular ou economia solidária.

Para tanto, um conjunto de valores éticos e morais tornou-se uma marca distintiva das organizações associativas, servindo-lhes, nas palavras de Pires (2004, p. 39), “como elemento fundamental na preservação de sua identidade”. É importante fomentar a educação e a capacitação cooperativa, assim como velar pelos valores e princípios cooperativos, cujas ferramentas são centrais para a promoção da coesão social, sem as quais a sociedade não alcançariam maturidade suficiente para gerar identidade cultural, compromisso social e vontade política como pilares estratégicos do desenvolvimento sustentável.

Cabe registrar as cooperativas sempre surgem em momento de complexidade: de desequilíbrios e desigualdades sociais pelos quais grupos de pessoas estão excluídas e buscam alternativas de organização, novas formas de ação econômica. Em outras palavras, as cooperativas proliferam e crescem nas épocas de crises, estas tendem a afetar a existência das cooperativas, já que estas demandam condições de adaptabilidade e nem todas as organizações sócio econômicas adquirem. Nesta perspectiva, alguns estudos apontam para um quadro de complexos dilemas pelos quais certas experiências associativas passariam. De Lisio (2009), ao analisar o papel das cooperativas como alternativas para sair da crise, assinala que as cooperativas como forma solidária de economia têm consolidado vários setores econômicos, gerando emprego e renda e

atendendo princípios da sustentabilidade nas comunidades que se encontram. Contudo, ao longo da história as cooperativas sempre funcionaram num entorno complexo e tenso, seus valores e princípios pilares estratégicos para sua continuidade sofrem ameaças. Para o autor [...] las cooperativas [...] y han proliferado y crecido precisamente em épocas de crisis; crisis que las afecta no solo por fuera sino también por dentro y que les demanda una condición de adaptabilidad que no todas las organizaciones socioeconómicas tienen condiciones de transitar.” (LISIO, 2009, p. 07).

Rodríguez (2002, p. 352-355), ao analisar as cooperativas de recicladores na Colômbia, apresenta uma série de benefícios individuais e coletivos que, apesar de pequenos, implicaram transformações fundamentais nas vidas dos recicladores filiados.

Além de desfrutarem de regalias típicas de um emprego formal, por exemplo, segurança social (saúde e aposentadoria), também ocorreram mudanças nas condições de trabalho e na conduta individual diária: diminuição do uso de drogas, descuido do vestuário etc. Para o autor, a filiação cooperativa representou uma transformação gradual daqueles hábitos que impediam o progresso dos recicladores como indivíduos. Por outro lado, como todo trabalho cooperativo, múltiplas dificuldades foram evidentes, sobretudo, os conflitos crescentes e a falta de confiança entre os recicladores filiados.

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem os seguintes aspectos quanto ao seu desenho metodológico: é de campo com abordagem qualitativa, assim classificada por tentar desvelar o contexto da vida em sociedade (grupos ou comunidades), no caso particular da organização coletiva dos catadores de lixo; desse modo a técnica determinante de coleta de dados para compreender os diferentes aspectos dessa realidade foi um roteiro de entrevista semiestruturado. Além do mais, para a análise da situação aqui estudada, o enfoque qualitativo permitiu realizar explicações exaustivas e densas para a realidade estudada por meio de técnicas de entrevistas, a exemplo das práticas associativas e solidárias existentes nas cooperativas de catadores de lixo.

Consistiu numa pesquisa aplicada, já que os resultados contribuem para soluções e orientações na organização e trabalho dos catadores, bem como para as práticas de gestão solidária necessárias ao associativismo.

Outra característica do estudo quanto aos fins foi a opção pela descrição dos conteúdos das concepções elaboradas pelos catadores sobre suas práticas de gestão solidária. Neste sentido, a utilização do método qualitativo teve por objetivo traduzir e expressar o sentido atribuído ao mundo social, neste sentido optou-se pela metodologia da análise de conteúdo.

Realizou-se um recorte específico, sem a pretensão de que a pesquisa represente uma amostragem de todos os catadores de Campina Grande, dos catadores de materiais recicláveis que se encontravam associados em cooperativas ou associações, e em processo de formação no momento da entrevista.

Partindo do que Levine et al., (2008) define que amostra é uma parcela de uma população selecionada para fins de análise, define-se a amostra desse estudo como sendo não probabilística por acessibilidade, pois conforme Costa Neto (1977, p. 43) “nem sempre é possível se ter acesso a toda a população objeto de estudo, sendo assim é preciso dar segmento a pesquisa utilizando-se a parte da população que é acessível na ocasião da pesquisa”. Assim, foram entrevistados 10 catadores os quais estavam trabalhando em cooperativas ou em processo de organização de formas associativas.

A técnica de coleta de dados da pesquisa de campo utilizada foi um roteiro de entrevistas (semi-estruturadas). Este tipo de entrevista permite que o pesquisador estabeleça uma direção geral para a conversação com o entrevistado, e ao mesmo tempo permite uma maior flexibilidade ao lançar temas ou questões.

Além destes instrumentos, utilizou-se registros fotoetnográficos, em algumas situações, pois conforme Bauer e Gaskell (2000, p.137), trata-se de um registro material de observação fundamental, uma vez que as fotografias têm a função de auxiliar no trabalho de campo, evocando a memória do pesquisador no sentido de apoiar a construção do texto.

O método de análise qualitativa escolhido para analisar as mensagens constituídas nas narrativas dos entrevistados foi o de conteúdo. Seguindo a perspectiva indicada por Bardin (1994), a utilização da análise de conteúdo deverá ocorrer percorrendo as seguintes fases: Ainda que diferentes autores proponham diversificadas descrições do processo da análise de conteúdo, no presente texto a concebemos como constituída de cinco etapas: reparação das informações; transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; e interpretação.

As principais categorias tomadas como objeto de análise foram: aspectos essenciais do processo de organização do trabalho cooperativo; o significado de trabalhar de forma solidária; percepção das práticas solidárias no processo de conformação do empreendimento cooperativo.

Em conformidade com Resolução 466/2012 do CNS, toda pesquisa que envolve seres humanos direta ou indiretamente apresenta riscos imediatos e/ou tardios. Assim, o estudo inicialmente foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa/CESED.

No caso particular da pesquisa, os riscos estavam associados a exposição dos cooperados ao se posicionar sobre determinadas perguntas, causando constrangimentos, embaraços e incertezas. Dessa forma, procuramos deixá-los descontraídos, assegurando-os que a experiência da cooperação e da solidariedade é um processo difícil e em permanente construção, portanto, garantindo o sigilo das informações prestadas.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Após a transcrição as entrevistas foram selecionadas em unidades de análises, de modo que cada unidade representa um aspecto particular da realidade dos sujeitos (catadores) entrevistados. Assim, no que tange a experiência da cooperação e da solidariedade as seguintes categorias analíticas foram tomadas como unidade: participação e trabalhar de forma solidária.

a) Sobre sua participação na Cooperativa

Para a categoria participação foram considerados os seguintes aspectos: como se tornou associado; o diálogo/ a comunicação entre os associados; a participação nas assembleias e como se posiciona; conhecimento sobre normas de funcionamento da cooperativa; valores e princípios do associativismo.

- Como se tornou associado (por que participa da cooperativa?)

Porque agente era do lixão, aí quando agente saiu do lixão, agente começou a trabalhar na associação. Porque a associação foi agente mesmo que formou [...] Quando formou a associação, agente era 12 pessoas. (E1, setembro 2014)

Sei lá [...] Assim, eu me tornei, porque apareceu a oportunidade né. De trabalhar numa associação e eu resolvi me associar né. Pra ver se tinha lucro né. Se tinha renda, essas coisas. No caso, a nossa associação só tem mulheres. São oito. (E2, outubro 2014).

[...], Trabalhava ali, fui empregado sabe? Lá na feira, passei uns doze anos, aí depois foi que eu comecei catar solto, aí inventaram essa associação entrei. A associação a gente fizemo na frente lá de casa, já tinha os catador lá. Agora antes que [...] Aqui tenho quatro anos, agora ali passei vários anos, ali na frente de casa, ali passei um bocado de tempo ali, antes de pegar esse galpão aqui. (E3, outubro 2014).

Porque geralmente quem inventou abrir essas cooperativas foi meu irmão, foi minha cunhada, meu primo [...] A maioria do resto da gente daqui é tudo como catador né, porque geralmente é o presidente, tesoureiro, fiscal. Geralmente quem fundou mesmo foi ele, que foi na rua da casa dele, começou lá dentro da casa do meu primo. (E4, setembro 2014).

- A direção da associação busca construir um exercício de diálogo entre os integrantes?

Se sim, esse diálogo acontece de forma permanente ou raramente?

Ah! Sempre quando tem essas reuniões que ela vai [presidenta], então quando ela chega ela repassa pra todo mundo. A gente tamo sempre todo mundo junto né. Aí o que acontece todo mundo sabe [...]. A gente sempre tem conversa entre a gente e tem uma reunião de mês e mês com o pessoal do apoio. Ela chega e conversa. Conversa, explica os “muidos”, os problemas, o que tem que fazer, o que não tem, o que tá acontecendo, essas coisas. A gente faz assim, quando precisa, toda semana, de quinze e quinze dias, mas, com o pessoal do apoio é só uma vez por mês. (E5, setembro 2014)

Todo final de mês a gente tem a assembleia da gente. E essa professora que faz. Faz aqui. [falamos] Muitas coisas. É tudo notado. É a gente falando e aluna dela notando tudim. As eleição daqui vai ser em 2015. Só quem tá atuando é a presidenta, menos o vice presidente, ele saiu. Se afastou e não voltou mais. (E4, setembro 2014).

- Você participa? Acha importante a ocorrência destas reuniões ou assembleias?

Pra gente divulgar as coisas que a gente vai fazer, que gente já tem feito, pra sempre se reunir juntos. Por que é obrigação da gente final de mês fazer isso. Todos os movimentos que a gente fez, tudo as peças que a gente fez, a gente tem que apresentar. (E6, setembro, 2014)

Com certeza, todo mundo. Eu acho, assim, porque a reunião, assim entre a gente, agente sempre faz, não tem muita coisa né. Agora assim, com os apoio é bom porque a gente tem que dizer a eles os problemas, se tem como ajudarem, essas coisas. Assim, particular, eu só, escuto aquilo que me interessa nas reunião, o que não me interessa, entra por aqui e sai por aqui. (E5, setembro 2014).

- Durante essas reuniões você costume falar? Por que é importante você se posicionar nas reuniões?

Oxente, quem mais fala sou eu nas reunião, tá por fora [...] Todo mundo é responsável, assim, se tiver alguma coisa pra decidir tem que tá o grupo todo, tem que tá todo mundo [...] Se todo mundo achou que tava certo, então. (E7, outubro 2014).

Falo quando pede minha Opinião. (E1, setembro 2014).

Falo pouco! Fico mais ouvindo. (E2, outubro 2014).

- Você se lembra de um dever ou um direito de um associado?

<i>Não! [pensou] isso deve ser com outra pessoas. (E10, outubro, 2014).</i>
<i>Não sem responder! (E6 outubro 2014).</i>
<i>Não, eu nunca me interessei nessa parte aí não [...] Cada uma de nós ficou com uma copia do estatuto. O original pra presidenta. (E5, setembro 2014).</i>
<i>Aqui? É documento é? Aí só com a presidenta. Nós tem toda documentação aí visse. Tem tudo, tem alvará, alvará dos bombeiros, tem tudo. De CNPJ à Licença Ambiental, nós tem tudo. (E3, outubro 2014).</i>

b) Sobre o significado de trabalhar de forma solidária

Para a categoria trabalhar de forma solidária, as principais subunidades tomadas como objeto de análise foram: objeto de luta da associação; o que é trabalho em grupo; o que é trabalhar de forma solidária; o que são práticas solidárias no trabalho cooperativo.

- Na sua opinião, a Associação deve lutar pelo que?

<i>Deve lutar pelo que? Deve lutar pelo objetivo na vida né! Assim, um meio de assim, de ser alguém na vida, trabalhar pra ser importante né? Porque a gente somo catadora, não somo nem pior nem melhor que ninguém né. Nesse ponto aí eu acho que a sociedade ainda exclui muito os catadores, mas né? Mas, a gente somo importante, principalmente o meio ambiente, na sociedade, agente catadores, a gente somos muito importantes. Lutar pela igualdade [...] A desigualdade do, a gente é muito excluída. (E5, setembro 2014).</i>
<i>Aqui geralmente o que ta faltando pra gente na verdade sabe o que é? Um galpão maior pra gente trabalhar, porque a gente trabalha no meio da rua. A gente trabalha no meio da rua e a gente dá graças a Deus porque ninguém [da localidade] reclama, mas pelo contrário, o povo daqui nos apoia, eles mesmo trás as coleta. A gente bem dizer assim, bem dizer, a gente já ganhemo uma prensa. (E6, outubro de 2014).</i>
<i>Mas onde vai por uma prensa aqui? Que aqui não tem lugar pra colocar prensa. A gente tá com o projeto da prensa aí, tá pra vim, mas que nem a menina disse, tem condições nenhuma de instalar uma prensa aqui, então enquanto a prensa não vem e o galpão não aparece, a gente vai trabalhando do jeito que Deus quer. Se parar de trabalhar vai passar fome né! (E2, outubro 2014).</i>

- Como é esse trabalho grupal?

Cada cá lá tem seu serviço pra fazer, que a gente trabalha com vidro, cada cá tem seu serviço, se eu formo peça pra ir pro forno, meu serviço é aquele, se ela lava o vidro o serviço dela é aquele, cada cá tem o seu. Agora chega o dia e aquela pessoa não for ela não tem direito, ela não trabalhou. Agente trabalha com material em vidro, a gente faz peça em vidro, dia-a-dia [...] A gente trabalha com todo tipo de material, só que a gente tem dois tipo de serviço [...] A gente tem o forno pra fazer isso e trabalha com material reciclável também [...] Faz o artesanato, e a gente faz varias e varias coisas [...] A gente vende em eventos, quando tem evento na universidade, um evento em João Pessoa, aí a gente é convocada pra vender. Sempre aquela pessoa que vai vender ganhar mais, porque ganha pelo trabalho e ganha pela venda. (E5, setembro 2014).

Assim, nós separa cada material no seu lugar né! Plástico num canto, papelão, garrafa, vidro, os alumínio, as coisa, cada um no seu begue [saco grande], no caso, cada um bota no seu saco separado, que é pra quando for vender tá tudo separado. Assim [...] Cada um sabe que tem a sua função cada uma sabe, mas, assim, na prática mesmo ninguém exercita somente aquele que é mandado fazer sabe? De tudo faz um pouco. Assim, quando chega todo mundo aí diz “fulano faz isso, cicrano faz aquilo”, só que na prática ninguém faz. Assim, é ninguém fica cobrando e ninguém faz só aquele serviço determinado que é pra fazer, todo mundo faz um pouco de tudo. (E6, outubro 2014).

É praticamente livre lá, mas assim, logo no começo quando a gente botamos o pessoal lá, aí nós dissemos cada função que alguém tinha que fazer lá no caso. Mas agora só que como a gente somos pouca gente [oito pessoas] e o serviço também não é tanto serviço assim pra cada cá fazer só uma função, aí todo mundo faz como eu disse, cada um faz tudo lá. Quando vende o material aí divide o dinheiro pra quem trabalhou. Só divide o dinheiro quando vende. Se trabalhou todo mundo igual divide por igual, se não trabalhou por igual não divide por igual. (E9, setembro 2014).

A gente trabalha em equipe né! Às vezes a gente aqui faz a coleta, a semana quase toda e tira um dia pra fazer a triagem, mas quando chega assim, que nem hoje mesmo, a coleta foi só, vamos supor, foi hoje foi o Ligeiro, a Queimadas e hoje, agora a tarde é o centro né! Não precisa sair todo mundo pra fazer coleta em um canto só, aí sai uma parte e fica a outra, aí a gente aproveita como você está vendo, mas o dia certo da triagem aqui é toda sexta-feira, a gente tira o dia todinho. (E2, outubro 2014).

Sai uma equipe pra coletar outra equipe fica aqui na triagem. Vai sempre duas mulheres e um homem. Mais a gente tem o caminhão, o caminhão da rede e tem o caminhão da prefeitura. (E1, setembro 2014)

- O que significa trabalhar de forma solidária?

Ajudar uns aos outros [...] A gente tem esse trabalho de economia solidária, porque sempre a incubadora é uma economia solidária. (E5, setembro 2014).

Assim, em cooperativa, em associação se você não trabalhar, não se mexer, não fazer, não correr atrás, fazer coleta, pegar as coisas, não cai do céu, né! (E1, setembro 2014).

- De que forma você percebe a prática solidária dentro da cooperativa?

Se eu trabalhar mais, no caso ganho mais, se ela trabalhar menos ganha menos, é assim olhe: tem uma tabela na parede com o nome de todo mundo, faltou tá lá na parede, a gente tá nesse sistema agora. Vai ganhar só pela àquela hora trabalhada Todo mundo controla. Se eu chego 2 horas e ela chega 3 horas, a gente tem que marcar o horário que ela chegou, chegou de 3 e saiu de 4 ou saiu de 5, o horário dela é aquele, ela ganha aquele[...] Sem problema. (E6, outubro 2014).

A convivência não é totalmente de se confiar em todo mundo né? Assim, na minha opinião né! Não sei a opinião das outras. Agente como um pouco desunido né!? Se a gente fosse mais unido e trabalhasse mais, mais segurança, fosse todo mundo assim, decidido, “vamos fazer e pronto”, a gente alavancava aquilo ali. Só que o problema é que o povo quer dinheiro imediato e vocês sabem que em cooperativa e associação não tem dinheiro imediato, não tem, aí o povo entra pensando em ganhar a fortuna ali, “ah, se as meninas tão ali a tanto tempo eu quero entrar, eu quero ganhar dinheiro também”. Quando o povo entra que não é aquilo que eles espera sai todo mundo. A gente tava com doze, já saiu, tamo com oito agora. E tem gente que se escora muito, fica esperando, esperando que os apoio arrume doação, esperando que o apoio faça isso, esperando que o apoio faça aquilo, o apoio não tem essa obrigação toda de fazer tudo isso, tem que arrumar, tá certo, tem de ajudar, mas não da gente ficar sentado e eles correndo atrás pra dar pra gente, tem gente que pensa assim né!? Aí fica difícil. (E5, setembro 2014).

É porque é muito diferente, na rua a gente pegava assim no meio da rua e na associação e cooperativa a pessoa pega nas casas, entendeu? A maioria ali [nas casas] no João Ribeiro tem esse símbolo aqui ó, o adesivo. A diferença é essa, que catador de meio de rua é pegando nas sacolas, a gente não, nas casas, chega lá bate palma ou dá a sacola. Tudo separadim né? E no meio de rua você abre uma sacola e as vez tem coisa que não presta né? O cara mete a mão lá dentro, é vidro, esses negócio, toda qualidade de porcaria o povo bota no lixo né? E nas casa não, né? (E3, outubro 2014).

O bom daqui é que a gente trabalha pra gente, trabalha pra ninguém. A gente mesmo sobe o dinheiro da gente. Cabe a nós mesmo fazer o nosso próprio salário, cabe a nós mesmo. Quanto mais a gente botar e conseguir conquistar, mais a gente ganha. A vantagem de não trabalhar pros outros é essa, mas

também aqui a gente tem, apesar de ser uma associação uma cooperativa aqui a gente tem hora de chegada e hora de saída também, tem o intervalo do almoço e assim segue adiante. O divertido é isso, a gente passa o dia todinho trabalhando, brincando e rindo, o que é o bom da vida, por que o resto [...] (E2, outubro 2014)

A divisão é igual. A divisão aqui é por igual, ninguém ganha mais e nem menos, é tudo igual, se são associados, são associados. Agora se não são [...] Aqui, se cada cá trabalhasse pra si, cada cá trabalhava pra si, mas aqui a gente trabalha em equipe. (E1, setembro 2014).

Acho melhor aqui, porque aqui a gente trabalha entre amigos, um ajuda o outro, um se preocupa com o outro, um dá conselho ao outro, aqui é como uma família [...] É um trabalho coletivo, todo mundo trabalha. A divisão é por igual. (E8, outubro 2014).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Tomar a cooperação como objeto de discussão é refletir sobre as relações que entre si os homens estabelecem com vistas a um objetivo comum ou no partilhar de um bem comum. De um lado, o interesse econômico daquele que reúne e desencadeia a ação; do outro, tratar de cooperação é trabalhar a dimensão social e moral propriamente dita.

Do exposto, justifica-se tomarmos a categoria participação na cooperativa como objeto de análise. Vale lembrar Araújo (1982, p.130-131), ao mostrar a importância do fenômeno participativo em qualquer agrupamento social, uma vez que a participação está muito em função da maneira como se articulam os grupos dentro da associação. Consideramos, primeiramente, a questão participação, isto é, a participação formal dos associados, como instância inspiradora e motivadora deste processo.

No caso particular em estudo, foi indispensável compreender as disposições e percepções construídas pelo catador associado, bem como sua prática participativa na Associação e/ou Cooperativa, segundo sua própria vivência. Em outros termos,

O sujeito em situação vai criando suas próprias representações das coisas, dando coerência ao universo de fenômenos vividos. Elabora uma gama de categorias inteligíveis, a nível do senso comum, de acordo com seus condicionamentos sociais e a linguagem que exercita nas suas formas referenciais. Essas representações reproduzem a realidade através dessa ótica condicionada, e podem bem ser diferentes dela e até contraditórias. (ARAÚJO, 1982, p.147)

Logo, é importante consideramos o posicionamento dos associados quando se faz referência de **como se tornou associado/cooperado**. Em seus relatos a entrada na cooperativa ocorre mediante a procura por um emprego ou “trabalho”; também estaria relacionado com o poder de organização de contar com um significativo número de catadores, conseqüentemente, podiam estar unidos. Em tal situação, a participação dos catadores na cooperativa é contingente. Parecem reconhecer, neste sentido, que a cooperativa é a única arma de defesa, de resistência contra o mercado (os preços ditados pelos sucateiros).

Em sua pesquisa Diniz (2008), identificou que o ingresso dos catadores na Cooperativa ocorreu de forma diferente. Para aqueles cooperados mais antigos, o ingresso se deu através de convites para participar de reuniões que eram coordenadas inicialmente pelo Padre, depois por demais voluntários. Num grupo amostral de 40 entrevistados, 14 respondeu que o seu ingresso se deu a partir do convite para participar das reuniões, das missas quinzenais, da escola de alfabetização, onde “aprendeu que trabalhar associado traria mais benefícios para os catadores”.

Albuquerque (2003, p.15), nos lembra que o associativismo se apresenta com um conjunto de “práticas sociais datadas e localizadas historicamente, que propõe a autonomia do – ‘nós’-, qualificando a cooperação entre pessoas”. Este conjunto de práticas sociais tem por base a pluralidade, a reciprocidade, a confiança e o respeito mútuo. Desse modo, o associativismo implica: um modo de agir coletivo, segundo o qual os princípios da ação social se formam na experiência concreta; e sinaliza um conjunto de ações realizadas por pessoas mobilizadas, a partir de um projeto. Esse modo de agir coletivo em torno de um objetivo comum encontra-se calcado naqueles valores e princípios - identidade cooperativa – os quais devem regular as práticas em qualquer cotidiano de todas as organizações cooperativas. O núcleo da identidade cooperativa é constituído pelos princípios cooperativos.

Os princípios de fato, continuam a ser o seu elemento nuclear, mas essa identidade depende agora dos valores cooperativos e de uma definição concreta de cooperativa. As cooperativas são associações autônomas de pessoas que se unem voluntariamente e constituem uma empresa, de propriedade comum, para satisfazer suas aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais (SCHMIDT; PERIUS, 2003). De fato, nessa atmosfera destacam-se, em primeiro plano, os valores que devem ser à base do comportamento das cooperativas, enquanto organizações: auto-ajuda, responsabilidade individual, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Completam-na os valores éticos dos cooperadores em si próprios: honestidade, transparência, responsabilidade social e altruísmo.

Se estes são aceitos, porém não são determinantes para seu funcionamento nem para sua inserção econômica e social. A aceitação formal destes valores e princípios não implica que os cooperados ou associações os cumpram para seu funcionamento, conseqüentemente se cria uma ambigüidade e uma dicotomia: são aceitos formalmente os compromissos regulatórios, porém não há disposição para cumpri-los ou a possibilidade de fazê-lo.

A prática associativa implica tanto na participação quanto na administração da empresa (associação ou cooperativa) pelos próprios associados. Contudo, o caráter democrático está em poder propiciar a todos igual oportunidade, não apenas de manifestar-se no processo de gerência dos negócios, também na simples modalidade de sua gestão através da participação de cada um.

Daí, que outra questão se propunha a identificar se havia diálogo entre diretoria e associados, de modo que dois cooperados ressaltam em seus relatos a realização de assembleias, e esta como um dos mecanismos do exercício de participação. Ou seja, participar das assembleias e nelas exercer o direito de falar (de representatividade). Em alguns relatos, outros associados, não externavam suas opiniões ou críticas.

Buscou-se, ainda, identificar nos relatos dos cooperados seus posicionamentos nos espaços de discussões. Alguns afirmaram a inexistência de um espaço e oportunidade para o diálogo, argumentaram que falavam ou manifestavam suas opiniões nos momentos de discussões. Outros associados afirmaram que preferiam “não falar, ficando sempre como ouvinte”, por sua vez, falavam “quando pediam sua opinião”. Tal posicionamento demonstrava uma “participação acomodada”, em outras palavras a participação é nula no processo necessário para conformação da participação democrática e solidária.

Rios (1979, p.54), ao analisar a participação em vários estratos sociais dentro das cooperativas rurais do Nordeste⁴⁹, nos mostra, a participação na cooperativa em dois níveis que se interpenetram: o subjetivo e o objetivo. A participação subjetiva se caracteriza pela identificação do associado com a cooperativa a que pertence como coproprietário. Isto é, a associação é vivenciada por indivíduos que se identificam (ou não) com essa instituição, compartilhando uma visão de mundo e de valores da mesma, e interagem num cotidiano permeado por satisfações, insatisfações, auto-realizações, frustrações, congaçamentos e conflitos, esperanças ou ilusões perdidas. Já a participação objetiva, o autor considera a frequência e atuação em assembleias, a integralização do capital subscrito e etc., uma vez que tais instituições são estruturas objetivas (estatutos, regimentos, organogramas, orçamentos e etc.).

Outra categoria explorada foi o significado de trabalhar forma solidária, dessa forma algumas variáveis foram tomadas sendo possível estabelece uma relação entre objeto de luta da associação; o que é trabalho em grupo; o que é trabalhar de forma solidária; o que são práticas solidárias no trabalho cooperativo. Alguns associados se posicionavam sobre aquela experiência, e expressavam não vivenciar a prática de um trabalho solidário dentro do grupo; todavia percebiam que alguns colegas dentro do grupo eram solidários, enquanto outros eram egoístas.

Outro dado importante diz respeito ao entendimento dos direitos e deveres no funcionamento de uma associação/cooperativa. Contudo, o sentido real do associativismo parecia ser desconhecido pelos associados, inclusive seus princípios e funcionamento. Quando questionados se a associação/cooperativa responderam que sua organização possuía estatuto; mas assumiram não ter conhecimento dos princípios que regem o estatuto da associação/cooperativa. Quando indagados se lembrariam de um dever ou de um direito do associado, disseram que não tinham conhecimento

De uma maneira geral, a “solidariedade” foi interpretada de diferentes formas por parte dos entrevistados. Para alguns era um elemento estranho nos discursos dos catadores, cujo sentido atribuído seria a possibilidade de construir uma determinada ordem social no interior da associação e/ou da cooperativa. A solidariedade, neste sentido, deveria ser promovida e construída através de práticas cotidianas e estratégias de ação, mas algum obstáculo parecia afetar.

⁴⁹ Para Rios na análise da participação administrativa e econômica da cooperativa não se pode dispensar o jogo das classes sócias envolvidas, daí constatou que a variação na participação da cooperativa estaria relacionada com o “status” do associado este definido em relação a uma situação de classe.

6 CONCLUSÃO

Propôs-se a identificar as formas de participação democrática e autogestionária dos catadores nas organizações cooperativas e se estas eram instituídas de práticas associativas e solidárias. Nos discursos dos catadores entrevistados foi possível perceber que a iniciativa ao processo associativo se deu mediante forças externas, e várias razões foram apresentadas para o ingresso na cooperativa, sobretudo na tentativa de melhorar as condições de trabalho. Logo, a ideal de associativismo parece estar distante, uma vez que a confiança e reciprocidade no outro, não foi mencionada pelos entrevistados como condição necessária para a definição de um comportamento solidário. Embora, alguns mencionaram a ajuda mútua durante o processo de trabalho.

Desta forma, as tensões se revelavam no baixo nível de relações de confiança e solidariedade, diante das dificuldades de lidar com as diferenças individuais no interior do grupo e de gerenciar o empreendimento. De uma maneira geral, a “solidariedade” era interpretada de diferentes formas, significava trabalhar junto respeitando o outro; exemplificaram como sendo trabalhar junto e dividir por igual. Todavia, não conseguiram ser expressivos, parecendo ser um elemento estranho nos discursos dos catadores, cujo sentido atribuído seria a possibilidade de construir uma determinada ordem social no interior da associação e/ou da cooperativa. A solidariedade, neste sentido, deveria ser promovida e construída através de práticas cotidianas e estratégias de ação, mas algum obstáculo parecia afetar.

Alguns estudos e experiências têm avançado na superação desta questão, ao proporem a prática da educação para a cooperação. Dessa forma, a prática da educação para cooperação significa acima de tudo contemplar os princípios da economia solidária e do cooperativismo; possibilitar uma formação contínua e permanente para produção/serviço e gestão do empreendimento cooperativo, visando à autogestão; buscar de forma contínua e permanente a viabilidade econômica do empreendimento cooperativo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. Associativismo. In: CATTANI, Antônio David. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Unitrabalho e Veraz Editores, 2003a. p.15-19.

_____. Autogestão. In: CATTANI, Antônio David. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Unitrabalho e Veraz Editores, 2003, p. 20-25.

AMORIM, V. P. **Resíduos sólidos urbanos: o problema e a solução**. Brasília, Roteiro Editorial, 1996.

ARAÚJO, Silvia Maria Pereira de. **Eles: a cooperativa: um estudo sobre a ideologia da participação**. Curitiba: Biblioteca Faculdade de Direito UFPR, Biblioteca Pública do Paraná, 1982.

AZEREDO, Verônica Gonçalves. **Os Recicladores de Miséria**. 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Janeiro.

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994.

BAUAER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BIAQUINI, T. Destino comum do lixo. **Revista da ABES**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 6, p.20-80, 1998.

BORDA, Orlando Fals. Formação e Deformação da Política do Cooperativismo na América Latina. **Revista Cooperativismo & Nordeste**, Recife, v7, n.1, p. 33-41, jan/abril, 1972.

BURKE, P. Uma história social do lixo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 dez. 2001. p.15.

BURSZTYN, Marcel (org.). **No meio da rua**. Nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CARMO, M.S.; OLIVEIRA, J.A.P.; MIGUELES, C.P. A Semântica do Lixo, o Estímulo à Reciclagem e o Trabalho dos catadores do Rio de Janeiro: um estudo da relação entre significado e ação econômica. **Revista Integração** do CETS/ FGV/EAESP, São Paulo, Ano VII, n. 34, janeiro de 2004.

CATADORES de Vida. **Publicação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis**. Fórum Nacional de Estudos sobre a População de Rua. São Paulo. Edição 1/2002.

CATTANI, Antônio David. Crítica da Economia Solidária. **Revista de Cultura Vozes**, n.6, Novembro-Dezembro, 2002.

CORAGGIO, José Luis. Da Economia dos Setores Populares à Economia do Trabalho. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; COSTA, Beatriz (orgs.) **Economia dos setores populares: entre a realidade e utopía**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CORRELLA, Luis. Identidad y participación cooperativa. In: VIII SEMINARIO INTERNACIONAL DE LA RED UNIRCOOPI. La identidad de La cooperativa al Corazón de su Éxito: Presentación de Herramientas de Gestión. Universidad Sherbrooke, 2004.

COSTA NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

DINIZ, Elenilze Josefa. **Tensões e distensões na construção do *habitus associativo***: uma análise comparativa nas organizações associativas de catadores de lixo na Paraíba. 2008. 348f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Universidade Federal de Pernambuco- Programa de Pós graduação em Sociologia, Recife, 2008.

ESCURRA, M. F. **Sobrevivendo do lixo**: população excedente, trabalho e pobreza. 1997. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu**: trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.

GAIGER, L. Empreendimentos econômicos solidários: uma alternativa para a economia popular? In: GAIGER, L. (org.). **Formas de combate e de resistência à pobreza**. São Leopoldo: UNISINOS, 1996, p.101-126.

GOLDBERG, Simone. Os ganhos saídos do lixo. **Conjuntura Econômica**, FGV, Rio de Janeiro, vol. 59, n. 09, p.30-39, setembro de 2005.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **O Trabalho no Lixo**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

GONÇALVES, Pólita. **A reciclagem dos aspectos ambientais e econômicos**. Rio de Janeiro: DP&T e FASE, 2003.

GONÇALVES, Raquel de Souza. Catadores de Materiais Recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país. **Revista Quadrimestral de Serviço Social**, Ano XXVI, n. 82, julho; p.86-109, 2005.

LISIO, Claudie De. **Las cooperativas como parte de la economía social**, una alternativas para salir dela crisis? Cumbre Cooperativa de las América, Guadalajara, México, setiembre 2000.

MAIA, Isa. **Cooperativa e Prática Democrática**. São Paulo: Cortez, 1985.

PEREIRA, Maria Cecília Gomes; TEIXEIRA, Marco Antonio Carvalho. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, Set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512011000300011>. Acesso em: 22 abr. 2014.

PIRES, Maria L. L. e Silva. **O cooperativismo agrícola em questão**. Recife: Editora Massangana, 2004.318 p.

RODRÍGUES, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002, p.329-361.

SCHMIDT, Derli; PERIUS, Vergílio. Cooperativismo – cooperativa. In: CATTANI, Antônio David. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Unitrabalho e Veraz editores, 2003, p. 63-71.

SCHNEIDER, José Odelso. **Democracia, Participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo: UNISINOS, 1991.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; RODRÍGUEZ, César. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2002, p.23-74.

VERANO, L. **Economia solidária, uma alternativa ao neoliberalismo**. Santa Maria: CESMA, 2001.